

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA NEGRITUDE PERNAMBUCANA EM RITMOS, CORES E GESTOS: 1970-1990

HISTORY AND MEMORY OF NEGRITUDE IN THE
PERNAMBUCO THROUGH RHYTHMS, COLORS AND
GESTURES: 1970-1990

Isabel Cristina Martins Guillen

Universidade Federal de Pernambuco

Correspondência:

Departamento de História

Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE - CEP: 50670-901

E-mail: iguillen@uol.com.br

Ivaldo Marciano de França Lima

Universidade do Estado da Bahia

Correspondência:

Departamento de Educação

Rodovia Alagoinhas/ Salvador, BR-110, KM 3 - CEP: 48040-210 - Alagoinhas, BA

E-mail: ivaldomarciano@yahoo.com.br

Resumo:

Neste artigo, apresentamos o projeto de pesquisa *Ritmos, cores e gestos da negritude pernambucana*, desenvolvido no LAHOI-UFPE. Através dos depoimentos orais de militantes do movimento negro pernambucano, e da participação dos mesmos em grupos culturais, tais como afoxés e maracatus, discutimos a intrincada relação entre subjetividade e participação nos movimentos sociais na construção da identidade negra.

Palavras-chave: movimento negro, negritude, identidade

Abstract:

This article presents the research *Ritmos, cores e gestos da negritude pernambucana*, developed in LAHOI-UFPE. Through the oral testimony of blackactivists in the black movement in Pernambuco, and his participation in cultural groups, such as afoxés and maracatus, we discussed the intricate relationship between subjectivity and participation in social movements in the construction of black identity.

Key-words: black movement, blackness, identity

Pode-se pensar a cultura negra no Brasil sem enfrentar uma discussão sobre os modos como o racismo e a discriminação racial aqui se reproduzem sob diversas formas? É possível compreender as práticas culturais de negros e negras, sem entender como a ideologia da democracia racial é construída e reconstruída, cotidianamente? ¹ Pensar a cultura negra no Brasil, em sua historicidade, é ter que enfrentar os meandros com que o racismo se reproduz. ² Trata-se de um amálgama de tal modo intrincado que só os mais ingênuos poderiam pensar em separá-los. Foi pensando nestas e outras questões que nos propusemos a pesquisar a história do movimento negro pernambucano, e as relações estabelecidas com as diversas formas de expressão cultural existentes neste estado, especificamente na região metropolitana do Recife. Este artigo objetiva, portanto, apresentar e discutir as questões suscitadas pelo projeto *Ritmos, cores e gestos da negritude pernambucana*, financiado pelo FUNCULTURA, em um primeiro momento, e pelo CNPq, posteriormente, e desenvolvido no Laboratório de História Oral e da Imagem da UFPE (LAHOI).

O projeto tem como foco a memória e a história dos movimentos negros em Pernambuco, bem como as relações construídas por seus militantes com a cultura negra nas décadas de 1970-1990. É importante ressaltar que não tomamos por pressuposto, desde a elaboração do projeto, a existência de um movimento negro, mas de movimentos negros, pensando a pluralidade de posicionamentos a respeito da afirmação da identidade negra e do combate ao racismo. Entretanto, por entendermos tratar-se de um movimento social, a este nos referimos no singular, pensando-o em um todo integrado, compreendendo, entretanto, um sem número de posições políticas e divergências no seu interior.

Buscávamos entender a multiplicidade e diversidade de posições políticas e identitárias que contribuíram para configurar um campo político e cultural que pode-

¹ Em grande parte dos depoimentos dos militantes negros que recolhemos, bem como na documentação reunida durante a pesquisa, observa-se o uso da expressão “mito da democracia racial”, tomando “mito” como sinônimo de mentira, farsa ou engodo, no seu sentido mais coloquial. Entretanto, o conceito antropológico de mito não pode ser confundido com verdade ou mentira, uma vez que possui a capacidade de ordenar, estruturar e conferir sentido para povos e sociedades. Nesse sentido, entendemos que o significado da expressão utilizada nos diferentes depoimentos dos militantes, bem como em grande parte dos documentos, a esta expressão caberia o conceito de ideologia. Para diferentes movimentos negros, mito da democracia racial significa a existência de uma visão de sociedade que existia apenas no discurso – a democracia racial – e que na prática a mesma era apenas uma ideologia. Assim, utilizamos a expressão “ideologia da democracia racial” como forma de melhor se referir ao sentido existente tanto nos depoimentos, como na documentação. Sobre esta questão, ver: FRY, Peter. *A persistência da raça – ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

² Utilizamos o conceito de cultura negra por pensarmos que o mesmo consegue dar conta das questões relacionadas ao fazer, posto estarmos nos referindo a práticas e costumes majoritariamente de negros e negras. Questionamos os conceitos de “afro-brasileiro” e “afro-descendente” pelo fato de serem imprecisos no que concerne à forma como os negros e as negras se automeiam em nossa sociedade. Sobre esta questão, ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. Por uma história a partir dos conceitos: África, cultura negra e lei 10639/2003. Reflexões para desconstruir certezas. *A Cor das Letras. Dossiê Literatura, cultura e memória negra*. V. 12, p. 125 – 152, 2011.

mos denominar de “negritude”, e este era, sobretudo, polissêmico e plural.³ Também é importante ressaltarmos que nosso conceito de movimento negro está diretamente relacionado com o fato de que tanto uma entidade organizada em âmbito nacional, dotada de programa e estatutos, como os terreiros de candomblé/xangô ou maracatus, se constituem em grupos que podem ser entendidos como parte deste movimento social. Importa esta afirmação para definir, a partir das entrevistas que realizamos, que tanto um integrante de afoxé, como de um maracatu, podem ser vistos e entendidos como militantes de organizações que fazem movimento negro, principalmente se levarmos em conta que no Recife e em Olinda, prevaleceu a estratégia de aliar militância política com a atuação cultural, no que Hanchard denominou de “saída pelo cultural”.⁴

Destacamos que este tipo de pesquisa tem o mérito de dar relevância histórica à experiência de militantes que atuaram em movimentos que foram considerados por uma história “oficial”, por muito tempo, como não significativos do ponto de vista político. Os movimentos negros pernambucanos não tiveram sua importância reconhecida pela academia local, sobretudo no que diz respeito à formação de movimentos culturais, essenciais para a compreensão das suas identidades. Este é um dado que se reflete no diminuto número de teses e dissertações que enfocaram este tema como objeto de estudo, nos diversos programas de pós-graduação da UFPE, por exemplo.⁵ Vale ressaltar que os militantes desses movimentos negros protagonizaram uma história que ainda hoje está por ser escrita, dado a quase inexistência de trabalhos acadêmicos e sua pouca circulação, devido principalmente à falta de documentação sistematizada.⁶

³ Em relação ao conceito de “negritude”, estamos nos referindo ao termo expresso pelos movimentos negros brasileiros, em contraponto a ideologia da democracia racial. Importa para este artigo, entretanto, afirmar que o movimento homônimo, construído pelos intelectuais Aymé Cesaire e Leopold Senghor, possui forte influência na constituição da negritude expressa nos textos, atos e discursos de vários militantes negros brasileiros. Sobre negritude, em seus diferentes sentidos, ver: MUNANGA, Kabengele. *Negritude. Uso e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

⁴ HANCHARD, Michael, George. *Orfeu e o poder – movimento negro no Rio e em São Paulo (1945 -1988)*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

⁵ Exceção deve ser feita à dissertação SILVA, Maria Auxiliadora Gonçalves da. *Encontros e desencontros de um movimento negro*. Brasília: Fundação Palmares, 1994. Sobre o movimento negro em Pernambuco, ver também: FERREIRA, Sylvio José B. R. . *A questão racial negra em Recife*. Recife: Edições Pirata, 1982. Para uma discussão da questão racial em Pernambuco, ver: SALES JR. Ronaldo. *Raça e justiça: o mito da democracia racial e racismo institucional no fluxo de justiça*. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFPE, Recife, 2006.

⁶ Sobre os movimentos negros pernambucanos, ver também: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010. Ver especialmente capítulos 5 e 6; QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. *Onde cultura é política: movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979 - 1995)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UNB. Brasília, 2010.

Constituição de um acervo documental.

Nosso propósito foi ouvir lideranças, masculinas e femininas dos movimentos negros e movimentos culturais de negros e das negras em Pernambuco, e contribuir para colocar em circulação outra história e memória sobre as formas de expressão cultural que se fazia na cidade, bem como o viver e as lutas sociais travadas no momento. Importa, nesse sentido, cotejar as diferentes respostas encontradas por militantes negros para, a partir de um afoxé, maracatu, terreiro ou entidade política, por em prática outras ideias e concepções sobre a sociedade em que viviam. Para tal questão, portanto, foi fundamental ouvir algumas lideranças, entendendo os contextos, alianças e propostas que construíram, para denunciar a ideologia da democracia racial, como também buscar espaços e legitimidade nas mais diferentes esferas da sociedade.

O período abordado abrange as décadas de 1970 a 1990. Trata-se de uma época significativa, de intensas lutas sociais, e da consolidação de uma identidade negra, de um modo de ser negro e negra, consubstanciado, sobretudo, na denúncia da existência do racismo e da ideologia da democracia racial.⁷ Tínhamos por finalidade examinar essa questão à luz das entrevistas com lideranças dos movimentos, bem como com artistas e articuladores de grupos culturais importantes nesse processo, tais como maracatus, afoxés, grupos de teatro e dança.

O acervo constituído conta atualmente com mais de 70 horas de entrevistas gravadas com 25 pessoas, as quais serão objeto da análise. Deste acervo de história oral constam depoimentos das mais diversas pessoas que, em momentos distintos de suas vidas, estiveram envolvidas com a história dos movimentos negros em Pernambuco, a exemplo de Inaldete, Lepê Correia, Marcos Pereira, Marta Rosa e Lindivaldo Júnior. Entrevistamos ativistas culturais de diversas manifestações teatrais, como Ivo Rodrigues e Walter Ferreira, que há décadas se dedicam ao teatro, maracatuzeiros como Armando Arruda e Amaro Vila Nova (conhecido como Xôxo), e afoxezeiros como Dito de Oxossi, Claudete e Brivaldo.

Em nossas entrevistas procuramos saber como se constituíram os movimentos negros em Pernambuco, como se articularam com outras organizações de âmbito nacional e estabeleceram contatos com os movimentos em outros estados, bem como os marcos importantes para sua afirmação e organização institucional. O que os motivou a se reunirem e formar parte de uma organização do movimento negro, além dos grupos culturais que construíram? Como atuavam? Como conseguiram se articular e estabelecer contatos com as lideranças dos movimentos que ocorriam em outros Estados do país?

Objetivou-se, através da história oral, registrar a memória de militantes dos movimentos negros e dos ativistas que se relacionaram com grupos de maracatu, afoxés, grupos teatrais e outras manifestações culturais em que a questão da negritude estava

⁷ GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 2005; *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Ed. 34, 2002; *Preconceito e discriminação – queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

em pauta. Desse modo, o trabalho com a memória nos permitiu trazer à tona outras versões sobre a história do Recife e de Pernambuco no período.

Durante o desenvolvimento do projeto fizemos igualmente um levantamento sistemático nos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, entre as décadas de 1970 a 1990 (levantamento este complementado posteriormente para os anos de 1990 a 2008). Nesta pesquisa documental privilegiamos o período de carnaval, momento em que as manifestações culturais alcançavam maior visibilidade nas páginas dos jornais. Pesquisamos ainda sistematicamente as comemorações do treze maio e a emergência do vinte de novembro como dia da consciência negra. Nas páginas dos jornais pudemos acompanhar a trajetória dos maracatus e dos afoxés em Pernambuco, o sucesso dos grupos de samba reggae, o surgimento da Terça Negra, dentre outros acontecimentos importantes para a definição das identidades culturais negras.

O acervo formado pela pesquisa foi divulgado com a criação de um site - <http://www.ufpe.br/negritude/> - no qual constam as entrevistas realizadas e o levantamento documental feito nos jornais. Em relação às entrevistas, constam no site apenas as fichas técnicas de cada encontro realizado, mas o original está à disposição dos pesquisadores no LAHOI. Já no que diz respeito ao levantamento feito nos jornais, o site contém todas as matérias que foram digitalizadas, além de alguns exemplares de jornais dos movimentos negros, a exemplo do *Djumbay* e *Negritude*. O site ainda contém uma galeria de imagens onde podem ser observadas diversas fotografias de apresentações de grupos de dança e teatro, além de cartazes e panfletos que recolhemos com os militantes dos movimentos negros. Fizemos também um blog sobre o desenrolar da pesquisa, em que é possível acompanhar as diversas entrevistas realizadas, no seguinte endereço: <http://negritudepernambucana.blogspot.com/>

O que podemos afirmar, após a realização destas entrevistas, é que se trata de um tema bastante denso, em que muitos assuntos se entrelaçam a questões políticas e culturais mais amplas, pois é evidente que muitos militantes de diferentes grupos do movimento negro também participaram de sindicatos, associações de moradores, bem como de outros movimentos sociais em processo de organização em Pernambuco.

A ação política destes homens e mulheres negras não esteve tão invisibilizada assim, pois cotidianamente aparecem nos jornais com pequenas ações para marcar ou construir espaços de atuação própria, seja através de grupos musicais, seja através de espetáculos de teatro ou dança, ou mesmo questionando o treze de maio como dia a ser comemorado. A luta pela afirmação do vinte de novembro como dia da consciência negra pontua os jornais por quase uma década, atestando a persistência de uma peleja cotidiana na desconstrução da ideologia da democracia racial. As grandes lutas mundiais, a exemplo da libertação de Mandela, também tiveram no Recife grande ressonância, fundamental na afirmação de direitos de cidadania. Assim como em todo o mundo, a libertação de Mandela, em Recife e Olinda foi motivo de muitas lutas e discussões, expressas em ritmos diversos, como o samba reggae ou afoxé.

Em suma, estes temas todos sinalizam que os movimentos negros em Pernambuco não estavam desconectados das bandeiras de luta levantadas nos outros estados do Brasil ou do mundo.

Os movimentos negros em Pernambuco e a historiografia

Os anos 1970 são marcados pelo recrudescimento dos movimentos sociais, e por uma diversidade e pluralidade de manifestações culturais no cenário nacional. Nessa década o MNU (Movimento Negro Unificado) surge a partir da união de uma série de outros movimentos negros, quase todos de caráter regional. Este processo foi também o responsável pelo aparecimento de grupos culturais, afoxés e blocos afro como o Ylê Aiyê e Olodum, dentre outros. Não há como se pensar os movimentos negros fora desse contexto nacional, em que a luta pela redemocratização dá o tom das questões políticas, ao mesmo tempo em que entra em pauta um grande número de outras reivindicações, como os movimentos feministas, preservação ambiental (verdes), de gays e lésbicas, por exemplo.

O MNU, nesse processo, dá corpo à campanha de questionamento do dia treze de maio como marco na história dos negros e negras brasileiros, processo este que culminou com a reivindicação de que vinte de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, fosse considerado o dia da consciência negra. Todos os aspectos culturais sofreram o impacto dessas mudanças, não é demais ressaltar.

Nesses anos assistimos à positivação de Zumbi como líder e símbolo maior dos negros e das negras brasileiros, bem como no “resgate” de outros importantes personagens para esta história. Os maracatus serão, nesse contexto, objetos dos militantes negros que vão atuar no interior de alguns grupos, (Leão Coroado e Elefante) assim como contribuirão para a reativação de outros, a exemplo do Sol Nascente. Os afoxés podem ser apresentados como um dos muitos resultados da intervenção dos militantes e ativistas negros em Pernambuco. O primeiro deles a ser fundado foi o Ylê de África, que reunia vários militantes do MNU, bem como simpatizantes e membros de outros grupos negros.⁸

São evidentes também as investidas destes militantes na reformulação de vários terreiros da religião dos orixás, bem como de umbanda e jurema. E em alguns casos o antigo nome da religião dos orixás em Pernambuco – xangô, será trocado por outro de maior visibilidade – candomblé. Na cena teatral, em Pernambuco, Paulo Viana desde a década de 1960 exercia forte influência na positivação da cultura negra através da Noite dos Tambores Silenciosos. Nenhum desses movimentos pode ser pensado dissociado da luta contra a discriminação racial, e da desconstrução da tão aclamada “democracia racial”. A desconstrução desta ideologia tomou vulto ao longo dos anos

⁸ Ilê de África, a novidade. *Diário de Pernambuco*, 05/01/1982, p. a11; Ilê de África, João Alberto. *Diário de Pernambuco*, 05/01/1982, p. b3; Afoxé apresenta-se neste ano nas ruas do Recife e Olinda. *Diário de Pernambuco*, 17/02/1982, p. a11; Carnaval de Olinda terá bloco africano este ano. *Diário de Pernambuco*, 20/01/1982, p. a10; Tambores lembram escravidão negra. *Diário de Pernambuco*, 20/01/1982, p. a10; Recife e Olinda têm nova atração. *Diário da Noite*, 16/02/1982, p. 03.

1970, e foi reforçada nos anos 1980, principalmente com o debate ocorrido durante as comemorações do centenário da abolição.

Apesar de podermos descrever de maneira geral este rico cenário, se quiséssemos nos ater a detalhes ou mesmo a formular questões mais complexas a respeito dos movimentos negros em Pernambuco, esbarraríamos numa séria falta de documentação e bibliografia sobre o tema, conforme já apontamos. Nos outros estados do Brasil, ainda que em menor volume em relação aos temas acadêmicos e culturais considerados mais relevantes, podemos encontrar nos arquivos e bibliotecas algumas informações mínimas sobre a história dos movimentos negros. Observamos que, recentemente, as editoras nacionais têm publicado importantes trabalhos sobre a história e memória dos movimentos negros nesse período, a exemplo da coletânea organizada por Márcia Contins, publicada no Rio de Janeiro, e que transcreve uma série de entrevistas realizadas com importantes militantes do movimento negro do Rio de Janeiro, ou o trabalho de Verena Alberti e Amílcar Pereira, que também traz diversos depoimentos de lideranças negras localizadas no sudeste brasileiro.⁹ Em Pernambuco, além dos trabalhos já citados e desenvolvidos por Silvio Ferreira e Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva, em um encontro da ANPUH regional de Pernambuco organizamos uma mesa redonda para debater o tema, cujos trabalhos foram publicados.¹⁰

Para Pernambuco, a ausência de documentação e bibliografia tem contribuído para a consolidação de uma visão homogênea da cultura pernambucana, em que os negros e as negras não têm visibilidade nem papel destacado. Ao produzirmos e colocarmos em circulação a memória da experiência histórica vivida pensamos contribuir para mostrar a pluralidade dessa cultura, bem como sua diversidade. Podemos encontrar na memória dos militantes, e daqueles que faziam a cultura negra na cidade, elementos para se discutir as escolhas político-culturais que vão conformar um modo de ser negro no Recife nas décadas de 1970-1990.

Não podemos deixar de ressaltar que se constituía em uma estratégia do movimento negro para a positivação dessa identidade o imenso esforço despendido para criar visibilidade para negros e negras na cena cultural estadual. Para muitos militantes era essencial que negros e negras aparecessem nos espaços das cidades de Recife dedicados às atividades culturais, e que tradicionalmente não eram considerados lugares para os negros estarem. Sair às ruas no carnaval, ou mesmo toda semana pelas ladeiras de Olinda, foi tido como atividades que marcavam a presença de uma cultura negra e que deveria contribuir para que toda a sociedade repensasse ideias e valores

⁹ CONTINS, Márcia. *Lideranças negras*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Aeroplano, 2005; ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. *Histórias do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, CPDOC-FGV, 2007.

¹⁰ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Negro, mostra sua cara! Movimento negro em Pernambuco e suas expressões culturais. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins; GRILLO, Maria Angela de Faria (org.) *Cultura, cidadania e violência*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2009, p. 157-176; SOUZA, Maria Aparecida de O. Os movimentos negros e a construção das identidades. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins; GRILLO, Maria Angela de Faria (org.) *Cultura, cidadania e violência*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2009, p.177-192.

acerca dessas atividades culturais. Dessa forma, pensava-se, estariam contribuindo para a desconstrução da ideologia da democracia racial.

É fundamental destacar, portanto, que esses grupos culturais, bem como os diversos movimentos negros que existiram no período, formaram-se historicamente como espaços públicos diferenciados, em que negros e negras podiam se encontrar e trocar experiências. Foram igualmente focos de importantes discussões políticas para o movimento negro, e a negritude, bem como para a cultura negra. Esta geração, formadora e consolidadora de diferentes organizações e entidades, registrou um determinado ponto de vista sobre uma época, o movimento negro e a cultura negra, tanto do ponto de vista biográfico, como do ponto de vista da militância, se considerarmos que essa geração viveu experiências singulares na história do movimento negro brasileiro.

Seus anos de militância, e a distância temporal dos dias de hoje já lhes permite estabelecer com essa experiência certo “olhar distanciado” em relação aos movimentos que participaram nos anos de sua juventude, o que lhes permitirá avaliar retrospectivamente a participação nos movimentos negros em sua relação com os movimentos políticos e culturais do período.

Ao mesmo tempo, do ponto de vista da experiência vivida e de sua subjetividade, a memória dessa geração deve trazer à tona o processo de construção da identidade negra, da experiência de ser negro num dado período histórico em que a tônica era dada pela democracia racial, que fazia com que o preconceito e a discriminação aparecessem como não existentes no Brasil. Nesse sentido, a experiência de ser negro nesse período foi fortemente marcada pela luta contra a discriminação racial e pela desconstrução da ideologia da democracia racial.

Discutindo negritude e desconstruindo a “democracia racial”

Nesse sentido, e em meio ao contexto acima descrito, não é demais reafirmar a importância de se discutir, na história de negros e negras do Recife, o debate sobre a democracia racial, sua desconstrução e reconstrução cotidianas, e as estratégias dos movimentos negros organizados em atuar junto aos grupos culturais, afirmando a “africanidade” dos maracatus num sentido positivado, e incentivando a criação de outros grupos, tais como os afoxés.¹¹ Estas questões não se dissociam de uma discussão

¹¹ No que concerne aos maracatus, setores significativos dos militantes negros vão afirmar que estes se constituem em heranças africanas no Brasil, aludindo a uma África como pátria dos negros, homogênea e destituída de fronteiras e diversidades. Esta compreensão do continente africano como pátria dos negros, reveladora das influências pan-africanistas em parte de suas ideias, permitiu aos militantes negros construir afoxés e blocos de samba reggae em Pernambuco, enfrentando as resistências de intelectuais e estudiosos locais que, aludindo à ideia de origem, afirmavam serem tais práticas indignas de existirem em Pernambuco, dado não serem parte integrante da cultura local. Entretanto, para estes militantes, uma prática “africana” pode ser feita em qualquer lugar, seja em Pernambuco, Bahia ou Maranhão. Sobre os afoxés e os movimentos negros, ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés em Pernambuco: usos da história na luta por reconhecimento e legitimidade. *Topoi*. V.10, p.146 - 159, 2009; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés: manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos afoxés. *Esboços*. V.02, p.89 - 110, 2009.

sobre os elementos constitutivos da identidade local (ou regional), sobre a necessidade de promover um debate que a desnaturalizasse. Este é o período em que assistimos a consolidação e legitimação de diversos movimentos negros que colocaram em pauta não só a luta contra a discriminação racial, mas também a negritude, em que as manifestações culturais exerceram papel central na formação de uma identidade negra.¹²

O projeto pretendeu desenvolver uma pesquisa em que a memória estivesse no cerne do seu debate, não apenas como fonte, mas pensada como um constante re-significar da experiência vivida.¹³ A memória, portanto, foi pensada para além de suas possibilidades como fonte documental. As entrevistas que nos propusemos a fazer com as pessoas que participaram dos movimentos negros (e que foram também ativistas de diversos grupos culturais) não tiveram como objetivo central a coleta de dados. Interessava-nos pensar nas razões que levam os sujeitos a ressignificar sua memória, e o papel social que a mesma cumpre nas posições que os movimentos negros e grupos culturais assumem no debate político-cultural da cidade do Recife, bem como entender as pequenas tramas, e urdiduras desse processo.¹⁴ Interessava-nos, sobretudo, discutir as intrínsecas relações entre a subjetividade e o movimento negro, das experiências pessoais de questionamento e rompimento com a ideologia da democracia racial, questões estas igualmente tratadas por Verena Alberti e Amilcar Pereira para o movimento no Rio de Janeiro e São Paulo:

em muitos casos, essas experiências ocorrem, primeiro, em âmbito pessoal, para, em seguida, se transformarem em formas de luta para a sensibilização de outros negros e de brancos. Com relação às experiências de âmbito pessoal destacam-se, de um lado, a consciência da negritude (reconhecer-se e valorizar-se como negro) e, de outro, a consciência da discriminação em uma sociedade na qual a inferiorização do negro se dá de forma muitas vezes velada e sutil.¹⁵

¹² NASCIMENTO, Abdias. *O negro revoltado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982; SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005; CONTINS, Marcia. *Lideranças negras*. Rio de Janeiro: Aeroplano/Faperj, 2005; SEMÓG, Éle; NASCIMENTO, Abdias. *Abdias Nascimento - a griot e as muralhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006; SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. *O movimento negro e o Estado (1983 – 1987): o caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2006; NASCIMENTO, Abdias do; NASCIMENTO LARKIN, Elisa do. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938 – 1997. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. *Tirando a máscara. Ensaaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 203 – 236.

¹³ Uma excelente discussão sobre história oral, nesse sentido, pode ser encontrada nos trabalhos de PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 103 – 130.

¹⁴ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 167 – 182; BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 183 – 192. LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org). *A Escrita da História*. São Paulo, UNESP, 1992, p. 133 – 161; REVEL, Jacques. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

¹⁵ ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral. Trabalho apresentado ao grupo temático "Identidade

Tendo em vista estas questões, optamos sempre por fazer entrevistas em que o depoente pudesse narrar sua história, sem ser conduzido pelos entrevistadores por perguntas prévias. Nosso objetivo foi pensar posteriormente como o depoente organizou sua memória, quais questões optou em nos contar e em que momentos dessa narrativa alguns assuntos emergiram, dentre os quais destacamos as experiências de discriminação racial. Invariavelmente as experiências vividas na infância foram marcantes não só pelo trauma, mas fundamentalmente por terem proporcionados aos sujeitos o reconhecimento de si como negros ou negras. Portanto, a experiência da discriminação racial vivida na pele, conduziu muitos dos militantes a questionamentos fundamentais, sendo responsável para o redirecionamento desses sujeitos para a participação em movimentos sociais e a dedicarem uma vida inteira à militância política.

Muitas das entrevistas realizadas no âmbito deste projeto sinalizaram para esta questão. Em todos os entrevistados é bastante presente a relação entre militância no movimento negro e afirmação de sua negritude. Em muitos, apesar de não relatarem experiências excessivamente traumáticas de discriminação, a necessidade de combater a ideologia da democracia racial não se desvinculava das experiências pessoais, mesmo que difusas e cotidianas. Da memória destes militantes ressalta-se sempre o orgulho de serem negros. Essa afirmação de identidade não foi construída isoladamente, mas no interior do movimento político, ou ao participarem de grupos culturais de negros e negras. Estar juntos na militância contribuía não apenas para um maior engajamento político, mas, sobretudo, para a afirmação dessa identidade, criação de um orgulho de ser negro ou negra, bem como pertencer a algum grupo cultural.

Pode-se afirmar que, invariavelmente, em um momento ou outro de suas vidas pessoais, as manifestações culturais que freqüentaram podem ser consideradas como o lócus onde essa identidade se afirmava e onde o orgulho de ser negro ou negra crescia. Há todo um espaço preenchido por manifestações artísticas e culturais, como os grupos de maracatus e afoxés, teatro e dança, por exemplo, freqüentados por nossos entrevistados. Nesse universo, o principal efeito era a valorização do negro – o que alguns chamam de elevação da autoestima. Eram espaços que congregavam também os militantes ou pessoas, propiciando a constituição de uma identidade negra, a partir dos encontros para cantar, dançar, conversar, ou mesmo se divertir. Em suma, eram lugares para se afirmar e positivar, sem necessitarem deixar de ser quem eram, exibindo seus cabelos, tranças, roupas coloridas, dentre outros aspectos.

Locais em que uma estética negra foi sendo elaborada, em que andar de tranças e ouvir samba reggae ultrapassava as fronteiras da mera diversão. Este é efetivamente o grande filão das entrevistas realizadas e da documentação levantada. A experiência de Martha Rosa Figueira de Queiroz é exemplar, nesse sentido. Tão logo ingressou no MNU, participou também do maracatu Leão Coroado, de Luiz de França, que no

negra e reconhecimento" no III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros "Pesquisa Social e políticas de Ações Afirmativas", realizado na Universidade Federal do Maranhão. São Luis (MA), 6 a 10 de set. 2004. <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6831/1412.pdf?sequence=1> acessado em 16/09/2011.

período encontrava dificuldades para desfilar. Segundo Martha Rosa, o maracatu era, na época, “o máximo do que existia da negritude pernambucana”.¹⁶ Isto não a impediu de tomar parte dos afoxés, e de inclusive dirigir um dos mais importantes para os movimentos negros em Pernambuco, o Alafin Oyó, bem como de participar da criação de um bloco afro no carnaval, o Arrastão do Zumbi.

Claudete Ribeiro, cantora e compositora em alguns desses afoxés, expressa em sua entrevista a importância que esses grupos culturais tiveram tanto para o movimento negro quanto para a afirmação pessoal de cada militante:

Quando se dizia que ia ter arrastão nas ruas de Olinda do Alafin Oyó, acabou. Não tinha mais nada em Olinda a não ser o arrastão do Alafin Oyó. Isso politicamente foi muito bom, por quê? Porque hoje é bonito ser negão, não é? Está na moda ser negão. É bonito ser do candomblé. Mas naquela época nós éramos um bando de negros vagabundos, desocupados, que não tinham o que fazer. Macumbeiro, desordeiro, tudo isso nós éramos xingados. Trançar cabelo era motivo de chacota em todo lugar. Andar de branco? Não ande com aquilo ali porque aquilo ali, aquela mulher ali é de afoxé, aquilo ali não serve para você. Aquele cara ali é pilantra. Ele é de afoxé, é músico, não serve para você. Esse tipo de coisa. Empregar? Jamais. Empregar esse povo não pode, não é? Esse povo é de afoxé e esse povo é um povo perigoso. Era essa a conotação que nós tínhamos em toda a cidade. Mas como essa galera estava na época e estava inscrito que eles tinham que ser assim, que nós tínhamos que ser assim, o movimento foi crescendo. E foi crescendo politicamente, porque paralelo a isso o MNU vinha fazendo o seu trabalho. Radicalmente ou não, foram pessoas bravias que abriram muitos leques para muita coisa. O pessoal que trabalhava com música abriu espaço para o reggae. Porque o reggae era um movimento que existia tacanho, mas que precisava de um paralelo. Acho que todos esses movimentos que hoje existem aí precisavam de alguém que tomassem coragem e que as pessoas comessem a freqüentar uns aos outros, como, por exemplo, o maracatu. O maracatu era uma resistência, sempre foi uma resistência, mas dentro de suas áreas. Nunca para sair dela. Então, quando fizemos a primeira Festa do Cabelo Pixaim, a primeira coisa que nós fizemos foi: “O que é que vamos colocar na programação? Nós vamos trazer o maracatu”.¹⁷

Para muitos militantes, da forma como reconstruíram suas trajetórias de vida nas entrevistas realizadas, não se pode dissociar a experiência vivida do movimento político. O combate a ideologia da democracia racial se fazia cotidianamente na própria construção da identidade, inscrito em seus corpos, modos de trajar, cabelos e adereços construídos para afirmar a beleza negra. Esta é uma relação que fica muito evidente na entrevista de Rosilene Rodrigues dos Santos, que encontra nos ensaios dos afoxés, espaços em que participava com suas amigas, oportunidade para afirmar uma

¹⁶ Entrevista com Martha Rosa Figueira de Queiroz, realizada em 09/06/2009, no LAHOI, UFPE.

¹⁷ Entrevista com Claudete Ribeiro, realizada em 16/09/2009, em sua residência, Olinda.

identidade negra. Convidada para ser manequim, teve que enfrentar o desafio de construir uma beleza negra para além dos estereótipos impostos às outras mulheres. É neste momento de sua vida em que não só se percebe como negra, mas que toma consciência do racismo a que tinha sido vítima quando, ao ser aprovada no vestibular uma colega afirma que *até* ela (Rose) tinha passado:

E depois que eu comecei a participar dos ensaios do Alafin, de fazer uma conversa com minhas amigas, aí sim a gente começou a ler, a escrever, a se perceber. Uma coisa interessante é que mesmo com a leitura, com a discussão, com o olhar diferente que eu comecei a ter, foi a partir de um cabeleireiro... (...) Quando eu cheguei no salão do cabeleireiro, meu cabelo estava massageado, porque eu ainda fazia o tratamento de alisamento no cabelo. Ele olhou para mim e disse: “Rose, seu cabelo é tão bonito, você é uma mulher tão bonita, por que é que você massageia seu cabelo?”. “Olhe, eu massageio porque eu aprendi, me formando com minhas irmãs, porque eu sou a caçula... elas ficavam no meu pé o tempo todo. Então eu era aquela pessoa que elas cuidavam. Cuidar significa alisar o cabelo, andar sempre arrumadinha, com o cabelo arrumadinho. Então elas faziam mesmo em cima de mim uma história. Aí ele disse: “Mas você não precisa usar um cabelo desses, seu cabelo é tão bonito. Seu cabelo é pixaim, é uma característica de mulher negra. Eu vou cortar o seu cabelo, vou tirar todo o massageado do seu cabelo. Vou cortar e vai ficar uma coisa bonita porque vai aproveitar essa beleza do seu rosto”. (...) Fez uma maquiagem. Me ensinou a usar maquiagem, que tipo de maquiagem era legal para minha pele. Fez várias coisas. Eu disse assim: “como é que eu vou aparecer com essa cara para ir para a universidade, para ir para o trabalho?” (...) Quando eu cheguei em casa, meu Deus, foi uma tragédia, porque as minhas irmãs (...) “Sim, mas eu não quero mais alisar o cabelo” – eu disse a elas. “Eu não quero mais alisar o cabelo. Eu quero meu cabelo assim. Ele vai crescer e eu não vou mais alisar o cabelo a partir de hoje. Pode se preparar, porque eu não vou alisar mais”. Aí eu não alisei mais o cabelo. Isso se juntando a toda uma gama de situações que eu vou começando a perceber com um outro olhar, que era o meu cotidiano. Mas eu não conseguia perceber (antes) o nível do que o racismo estava, na verdade, provocando na minha vida e na vida das pessoas que estavam ao meu redor. Aí é quando eu venho perceber que aquele: “até Rose” passou no vestibular, era um elemento racial.¹⁸

¹⁸ Entrevista com Rosilene Rodrigues dos Santos, realizada em 19/04/2009, em sua residência, Recife. A entrevista de Rose nos remete ao debate a respeito da importância que a estética possui para a negritude, não só em Pernambuco, mas no Brasil em geral. Tal aspecto deve ser entendido pelo fato de que no Brasil, conforme o trabalho seminal de Oracy Nogueira, o preconceito é, antes de tudo, de marca. Nesse sentido, é fundamental para os movimentos negros apresentarem uma ofensiva contra as estéticas que apontam para o alisamento de cabelos. Cabelo alisado, nesse sentido, não é apenas um mero detalhe, mas a forma como o racismo se apresenta na sociedade brasileira. Sobre esta questão, veja-se: SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1990; GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Uma boa discussão a respeito dos salões de beleza étnicos, fruto da posituação da negritude, pode ser visto: SANTOS, Jocélio Teles. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. *Estudos Afro-Asiáticos*. n° 38, p. 49 – 65, 2000. Ver também: NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de marca*. São Paulo: EDUSP, 1998.

Lepê Correia, psicólogo e poeta, muito atuante nos movimentos negros em Pernambuco, também relatou um difícil percurso para se afirmar como pessoa. Conhecido como Negro Pelé quando criança, rebelou-se com o fato num dado momento da vida, para ser violentamente agredido:

Quando eu fui fazer psicologia, meu trabalho versou sobre Problemas Escolares Provocados pela Auto-Rejeição da Criança Negra. Porque foi aí que eu fui sentir na pele, fui ver intelectualmente o que eu sentia na pele e não sabia o que sentia, que era a história de ser chamado na rua de Negro Pelé. Eu vi que as crianças do meu tempo também não tinham nome, se fossem negras não tinham nome.(...) Mas me chamava de Negro Pelé, eu não ia afobar, chamava que era o rabo da mãe. Jogava pedra, jogava lata. Você sabe. Apelido, você não gostou, pegou. Isso foi muito sério para mim, muito ruim, porque a professora dizia na sala de aula: “quarenta e cinco”. Eu me lembro que meu número era sempre quarenta e quatro, quarenta e cinco, quarenta e sete. “Severino”. Aí eu: “presente, professora”. Me virava para conversar, ela: “ei, seu Negro Pelé, vire para frente”. Quer dizer, eu só era Severino na hora da chamada. Passou a chamada, virou a página, já passou a ser Negro Pelé. Eu vou até escrever um conto sobre isso. Quer dizer... Metido a escritor como eu sou, vou escrever um conto sobre isso. Isso foi muito ruim, porque eu me lembro que no dia que eu requisitei o meu nome... Eu trabalhava na Secretaria de Cultura de Olinda. Fui lanchar, tosi na rua. O cara vinha num carro. Parou o carro e disse: “ei, Negro Pelé!”. Eu olhei para ele e falei: “meu nome é Severino”. Ele literalmente olhou para mim e disse: “vai tomar no cú. Você é Negro Pelé e acabou-se”. Puxou o revólver do quarto e me deu um tiro. Quer dizer, o indivíduo nem para ter nome ele tem direito.¹⁹

Ainda que o tiro não o tenha atingido, pode-se com este fato tentar amenizar o ocorrido? Dificilmente para Lepê, posto ter sofrido agressões quotidianas, todas devido à cor de sua pele:

Meu pai me contava essas histórias, minha mãe do outro lado, dizia assim: “meu filho, nós somos pretos. Tudo que a gente fizer tem de ser melhor, porque tudo de bom são os brancos que fazem. Eles dizem que fazem”. Aí dava uma risada. “Mas vocês tem que estudar para ser gente. Com estudo você tem que se tornar gente. (...) Mamãe dizia que nós éramos negros. Assegurava isso. Mas ser negro era uma coisa muito ruim. A gente sabia que era, mas a gente não discutia essas histórias. Não se discutia essas histórias de negro. Era uma contradição danada, você saber que é, mas não discutir essas coisas porque era como se fosse uma ferida, botar o dedo em cima dela dói. Porque era por causa disso que a gente não representava a escola, não entrava em certos lugares...”²⁰

¹⁹ Entrevista com Severino Ramos Correia (Lepê Correia) realizada em 13/11/2009, em seu consultório, Recife.

²⁰ Idem.

Estas entrevistas sinalizam, para concluir, que a história se faz no plano político e social, mas também se inscreve no corpo, na cor da pele, no formato do cabelo. De que política e subjetividade não se dissociam assim tão facilmente, mesmo na escrita da história. Também sinalizam que a política tem outras dimensões que devemos considerar, como a subjetividade dos depoentes. Enquanto militantes estas pessoas afirmavam uma identidade cultural num meio social e cultural extremamente adverso para o ser negro.

Não obstante, esta não era uma questão consensual para os movimentos negros em Pernambuco. Para muitos militantes do MNU, seguindo as orientações da direção nacional, deveriam dedicar-se à luta política contra a discriminação racial. O entendimento de que a luta política deveria ser prioritária em relação às atividades culturais acalorou muitos debates e discussões no interior dos movimentos negros. Mas ao final, levando-se em consideração a experiência dos militantes entrevistados, a conjugação dessa militância política com as atividades culturais foi essencial para a afirmação de suas identidades.

O fascínio que a história oral tem exercido em muitos pesquisadores encontra aqui demonstração semelhante, pois em praticamente todas as entrevistas realizadas, de uma forma ou de outra, a intrínseca relação entre o indivíduo e o ser político ficam expressas. Para a desconstrução da ideologia da democracia racial, foi preciso desconstruir os estereótipos que impediam a afirmação da diferença, do orgulho de ser negro ou negra. E, em grande medida, este orgulho se construía e se afirmava no interior das manifestações culturais, quando, em conjunto com muitos outros companheiros e companheiras, negros e negras desfilavam garbosos, pelas ruas de Recife ou Olinda, nos afoxés e nos maracatus nação.

Artigo recebido em 22 de outubro de 2012.

Aprovado em 16 de dezembro de 2012